

PODE A ARQUEOLOGIA DE FATO CONTRIBUIR PARA A REELEITURA DE CANUDOS?

Os objetos, vistos como uma espécie de resíduo físico das relações sociais, como suportes de relações sociais, analisados dentro de uma perspectiva relacional são capazes de falar sobre diversos aspectos e instâncias das relações humanas ao longo do tempo de forma cabal e quiçá, capazes de fornecer elementos para reescrevermos a nossa própria história.

A arqueologia, livre de seus fundamentos positivistas, está no “ponto de fruta madura” para oferecer inovativas e instigantes abordagens do passado do homem brasileiro como vem fazendo Arno A. Kern na região das missões jesuíticas no sul, Tânia Andrade Lima, nas fazendas do vale do Paraíba e cemitérios cariocas, Margarida D. Andreatta, nas casas dos bandeirantes paulistas; Pedro Funari e Charles Orser Jr. no coração de Palmares, Carlos Magno, em quilombos mineiros e tantos outros arqueólogos em solo brasileiro e no exterior. O fundamental, é promover o intercâmbio entre disciplinas. Do diálogo entre a arqueologia e a antropologia história, geografia, sociologia e demais disciplinas que será certamente possível estabelecer uma abordagem mais concreta do fenômeno humano, e sem dúvida daquele imenso sertão iletrado.

Uma abordagem arqueológica de Canudos ainda está para nascer. Pena que os primeiros passos dados há dez anos nesse sentido tenham sido tolhidos. Éramos jovens, audaciosos, pretensiosos, porém, estávamos caminhando no rumo em direção à caatinga...

REVISITANDO CANUDOS HOJE NO IMAGINÁRIO

POPULAR (MONOGRAFIA *)

Patricia de Santana Pinho(**)

Orietadora: Prof^ª Dr^ª Maria Teresa Sales de Melo Suarez
dez. de 1993

APRESENTAÇÃO

Conheci a região de Canudos em 1991 e desde então tenho ido lá frequentemente. Nestas oportunidades, tenho sempre procurado conversar com os canudenses e ouvir o que eles tem a contar sobre o episódio de Canudos. A partir dessas conversas e das impressões que tive da cidade - onde se percebe fortes referências ao passado (FOTOS 1,2,3,4,5 e 6) - despertou-me a curiosidade de conhecer a versão popular da história de Canudos. Em outras palavras, busquei retratar e analisar como o povo que vive hoje em Canudos conta a sua própria história. Para tanto, comecei uma pesquisa na região, com o intuito de abordar sociologicamente o imaginário popular presente hoje em Canudos.

Esta monografia é resultado da pesquisa, iniciada em agosto de 1992, quando me foi concedida uma bolsa de Iniciação Científica pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), com duração de um ano.

A parte inicial da pesquisa foi predominantemente teórica. De agosto a dezembro de 1992, dediquei-me a levantar a bibliografia necessária para um

* Monografia suplemento da Revista que obteve o 1º lugar no Concurso do Centenário de Canudos, promovido pela UNEB em 1993.

** Mestranda da UNICAMP / IFChE Departamento de Sociologia - 1993.

conhecimento mais profundo do tema Canudos, bem como dos conceitos de “imaginário popular”, “memória”, “tradição oral”, etc. Além da vasta bibliografia lida, realizei algumas visitas ao “Núcleo Sertão” (Universidade Federal da Bahia - UFB^a) e ao CEEC (Centro de Estudos Euclides da Cunha - Universidade do Estado da Bahia - UNEB), que me renderam valiosas informações para esta pesquisa.

Em janeiro de 1993, fiz a pesquisa de campo propriamente dita. A partir da elaboração de um roteiro, realizei várias entrevistas com pessoas de Canudos e redondezas, das mais variadas idades e ocupações. Entrevistei pessoas de 16 a 99 anos de idade, buscando retratar como elas concebem o episódio de Canudos e assim poder analisar o imaginário popular formado a partir desta sangrenta página da nossa história.

Esta monografia é, portanto, uma apresentação dos resultados conseguidos até o momento, e representa para mim o encerramento da primeira etapa deste trabalho, no qual só agora me sinto caminhar com segurança. Além disso, esta experiência me fez descobrir que uma pesquisa nunca se termina por completo, principalmente quando o tema focalizado é algo que está em constante processo de elaboração e reelaboração como acontece com o imaginário popular. Obviamente que não se propõe aqui, de forma alguma, negar a importância dos livros e documentos referentes ao assunto Canudos, mas sim reconhecer o valor do depoimento oral como fonte legítima passível de investigação científica. Por isso mesmo, busca-se aqui revisitar Canudos no imaginário popular para conhecer como os canudenses contam a sua própria história.

INTRODUÇÃO

Há cem anos atrás, Antônio Conselheiro fundou o Arraial do Belle Monte. Acompanhado por seus primeiros seguidores, o líder religioso plantou as estacas iniciais de Canudos que, de velho povoado abandonado⁽⁰¹⁾ transformava-se naquela que seria a maior e mais polêmica comunidade existente no Sertão baiano.

Canudos foi um protesto sertanejo contra a opressão e a pobreza. Foi um grito de vingança que saiu uníssono daqueles que não mais suportavam uma vida árida e miserável. Tratou-se de uma organização popular onde se buscou a reparação das injustiças sociais e a criação de uma nova comunidade.

Famosa, devido à guerra que deslocou mais de 8 mil homens do Exército Brasileiro para os confins do Sertão (CUNHA, 1983), Canudos teve uma existência curta. Durante os quatro anos em que resistiu, a comunidade sertaneja provocou profunda intranquilidade no então recém instalado governo republicano. A cada Expedição enviada, os sertanejos resistiam, enfrentando com suas armas rústicas a tecnologia bélica dos militares. A fama de Canudos expandia-se a nível nacional e se consolidou na 3^a Expedição com a morte de Moreira César, o “invencível” Coronel do Exército Brasileiro, conhecido por suas atrocidades como o “Corta-Cabeças” (GALVÃO, 1974). Graças aos jornais da época, o episódio de Canudos ganhava versões as mais variadas. Espalhavam-se os boatos acerca da figura de Antônio Conselheiro e de sua comunidade vigorosamente defendida pelos sertanejos.

Houve nesse período muitas tentativas de se “analisar” Canudos, ou melhor, de definir aquele movimento sertanejo para os padrões de compreensão das grandes cidades brasileiras da época. Canudos provocava espanto, como o faz qualquer movimento popular que conteste a ordem estabelecida das coisas e instaure a sua própria organização.

A linguagem presente neste tipo de movimento se espalha com facilidade entre pessoas que se sentem oprimidas e em busca de libertação (WORSLEY, 1968). São movimentos que, apesar de quase sempre reprimidos, ressurgem em diferentes lugares onde a miséria e a opressão forneçam o clima propício. “They therefore form an integral part of that stream of thought which refused to accept the rule of a superordinate class (...) The lower orders reject the dominant value, beliefs, philosophy, religion, etc., of those they are struggling against, as well as their material economic and political domination” (WORSLEY, 1968:225/6).

Canudos, como todo movimento popular, tinha sua própria linguagem, sua própria concepção de mundo. "Como (estes movimentos) vicejam melhor nos períodos de fermentação social extraordinária e tendem a falar a linguagem da religião apocalíptica, o comportamento de seus membros é, com frequência, singular pelos padrões normais. Por isso, são tão facilmente mal-interpretados (...)"(HOBSBAWM, 1978:66).

Em 1902, Euclides da Cunha lança *Os Sertões*, que desde então virou matriz referencial para muitos estudos sobre Canudos. Surgiram versões controversas a respeito do tema, mas mesmo aquelas que optaram por analisar Canudos a partir de uma ótica dos "vencidos", terminaram dialogando com as mesmas fontes que alimentaram as versões conservadoras..

Poderia se perguntar então qual o motivo que levou tantos autores a se debruçarem sobre o movimento de Canudos, originando tanta polêmica sobre o tema. Dentre outras características, Canudos se tornou notório por ter sido uma organização, antes de mais nada popular, onde as pessoas "começaram a encontrar uma linguagem específica para expressar suas aspirações sobre o mundo"(HOBSBAWM, 1978:12). Ao desenvolver essa nova "consciência sobre o mundo", Canudos se afirmou como um movimento eminentemente popular, assim como o Contestado, Caldeirão, Pau-de-Colher e os bravos quilombos, dentre tantos exemplos de organização e resistência popular que inflamaram a nossa mal contada História do Brasil.

Estudar movimentos deste gênero significa "analisar o comportamento social de uma comunidade humana que, enfrentando uma crise global, recolocou, dentro dos limites que lhe eram dados, os problemas fundamentais de sua existência enquanto grupo"(MONTEIRO, 1974:10). Por isso mesmo, não se trata aqui de fazer algo apenas curioso ou interessante, mas também de importância prática porque demonstra como essas pessoas adquiriram consciência política (HOBSBAWM, 1978). Neste sentido, considero importante conhecer o conteúdo presente não apenas nas análises científicas feitas a respeito de Canudos, mas também no discurso daqueles que herdaram diretamente essas revolucionárias aspirações sobre o mundo. Em outras palavras, pretende-se aqui conhecer o discurso dos herdeiros desta história de paixão e luta sertanejas, a fim de analisá-lo e encontrar os significados que carrega.

Poucos foram os autores que se preocuparam em dar, à fala do povo de Canudos, a importância merecida na reconstrução dos fatos ocorridos na comunidade de Antônio Conselheiro. Odorico Tavares, nos anos 40, e José

Calasans, na década seguinte, tiveram o privilégio de entrevistar vários sobreviventes da sanguinária guerra e incluir estas informações em seus respectivos livros. (CALASANS, 1986 e TAVARES, s/d). Infelizmente, hoje não há mais testemunhas vivas para nos contar o que realmente aconteceu em Canudos. O tempo naturalmente calou estas vozes. Além disso, um açude foi construído no local, afogando um imenso sítio histórico que poderia ter revelado elementos importantes para um conhecimento mais profundo dos fatos. Hoje, sem sítio histórico e sem sobreviventes, como é possível conhecer uma verdade escondida sob as águas?

Ao que parece, não existe uma única verdade acerca dos fatos ocorridos. Cada versão da história - seja sob a forma de livro, reportagem, depoimento oral - revela uma verdade para aquele que a cria. Buscando conhecer a "versão popular" da história de Canudos, deparei-me com aquilo que há de mais rico em sua interpretação: o imaginário popular.

A importância de se conhecer o imaginário popular vai além de sua beleza poética; significa penetrar o espaço onde homens e mulheres tem o poder de formar, distribuir e impor imagens conforme os seus desejos ainda que inconscientes.⁽⁰²⁾ O imaginário popular revela a expressão desenvolvida por um grupo para compreender o mundo e a realidade. Ao relembrar o passado e contar a sua "verdade" a respeito dos fatos ocorridos, o imaginário popular busca, na compreensão do presente, os elementos de representação do passado. Pois o processo de lembrar o passado ocorre vinculado ao momento presente, e atrela-se à própria virtude prospectiva do imaginário, revelando aquilo que o grupo tem como projeto de futuro (MONTENEGRO, 1991).

Em verdade, os contornos do imaginário são muito difíceis de serem abarcados, principalmente quando se busca analisar o imaginário referente a fatos passados, onde "os limites aparecem quase sempre singularmente imprecisos entre o que pertence ao domínio apenas do pesar e o que pertence ao domínio também da esperança, entre o que não é senão evocação nostálgica de uma espécie de felicidade desaparecida e o que exprime a expectativa de seu retorno. De fato, existem bem poucas representações do passado que não desembocam em uma certa visão do futuro, como também, paralelamente, há bem poucas visões do futuro que não se apoiem em certas referências ao passado"(GIRARDET, 1987:103).

Por isso mesmo, penetrar o imaginário popular significa ter acesso às visões de passado, presente e futuro, permitindo que se conheçam os sonhos e

desejos de um grupo. "(...) o olhar dirigido para o passado parece fazer-se tanto mais insistente, tanto mais carregado também de emoção ou de paixão, quando se volta para modos de vida desaparecidos ou em vias de desaparecimento"(GIRARDET, 1987:133).

Ao revisitar o imaginário popular presente hoje em Canudos, tenho buscado conhecer como o povo canudense concebe o desenrolar de sua própria história. Consequentemente, esta pesquisa é uma tentativa de analisar as revelações do imaginário popular de Canudos, onde as expressões desenvolvidas pelo povo fazem parte de sua consciência atual e revelam os principais desejos e angústias existentes hoje na comunidade, após um século de sua fundação.

AS FONTES INSPIRADORAS DO IMAGINÁRIO POPULAR DE CANUDOS

Durante muito tempo, o estudo do imaginário ficou relegado à desconfiança de muitos sociólogos, antropólogos e historiadores. De um modo geral, a História e as Ciências Sociais tem restringido a exploração do imaginário ao domínio exclusivo do pensamento organizado, racionalmente construído e logicamente conduzido. "Tudo o que escapa às formulações demonstrativas, tudo o que brota das profundezas secretas das potências oníricas permanece, de fato, relegado a uma zona de sombra, na qual bem raros são aqueles que ousam penetrar. O sonho só é levado um pouco em consideração quando se exprime na forma tradicional do que se convencionou chamar de utopia, ou seja, de um gênero literário bem definido, com finalidades didáticas claramente afirmadas, submetido a uma rigorosa ordenação do discurso e facilmente acessível à exclusiva inteligência lógica"(GIRARDET, 1987:10).

A mídia, ao se apoderar de forma não apropriada da terminologia do imaginário, tem tornado suspeita a sua importância, contribuindo para manter o estudo do imaginário no descrédito. No entanto, pode-se perceber a existência de uma lógica do imaginário, e a partir disto é possível fazer uma leitura dele. Em outras palavras, pode-se oferecer à inteligência crítica uma primeira possibilidade de leitura do imaginário sob uma compreensão objetiva e menos reducionista. Apesar de parecer um verdadeiro labirinto para quem nele penetra, o estudo do imaginário certamente fornece a promessa de um fio condutor, pois suas muitas e variadas imagens são compostas a partir de uma ordenação e lógicas internas que são, antes de mais nada, coerentes à realidade do grupo que o produz (GIRARDET, 1987).

Sendo o imaginário popular parte de atualidade de um grupo, ele é resultado da combinação de diversos elementos contidos na sua vida presente. Analisando o imaginário popular existente hoje em Canudos é possível perceber claramente a presença de várias fontes que o inspiram.

A primeira e inevitável influência que ocorre sobre o imaginário de um informante é a própria "situação de entrevista". Este é um fato importante mas que é muitas vezes ignorado pelos pesquisadores. No entanto, opto por explicá-lo aqui, como demonstração de que as "verdades" são sempre construções da mente humana, elaboradas a partir das várias influências do momento que

lhes corresponde. “A entrevista aberta não é um acontecimento corriqueiro, mas um momento especial, no qual as pessoas são arrancadas do imediatismo do cotidiano vivido ao serem solicitadas a considerar assuntos dos quais não se fala todos os dias, a relacioná-los e olhá-los de longe (...)” (CALDEIRA, 1984:144). No momento da entrevista, o informante procura em sua memória e na sua situação concreta de vida, os elementos para explicar suas respostas ao pesquisador. “É justamente nesta procura, e na articulação dos elementos encontrados, que se constrói uma interpretação que é, em geral, uma ordenação original de coisas velhas, de pedaços de imagens, experiências, opiniões, etc (...)” (CALDEIRA, 1984:144). Por isso, a “situação de entrevista”, por conter um diálogo entre interlocutores é, em si mesma, uma fonte alimentadora do imaginário.

Uma outra fonte importantíssima que inspira o imaginário popular de Canudos é a memória popular transmitida pelos velhos habitantes da região através da tradição oral. A história de Canudos é constantemente lembrada por essas pessoas idosas que são, em grande parte, descendentes diretos dos seguidores de Antônio Conselheiro. Em meio às recordações do passado, estes velhos sertanejos narram os fatos que afirmam terem ouvido de seus pais e avós a respeito do episódio de Canudos. É possível perceber uma grande homogeneidade na fala destes canudenses idosos, onde as lembranças de um e outro são trazidas à tona de forma bastante semelhante.

É interessante também constatar a presença de frases e expressões dos idosos na fala de seus filhos e netos, revelando como a memória popular é transmitida de uma geração para outra. Segundo Edileusa Almeida Ramos, 31, componente atuante da Igreja Católica de Canudos, sua bisavó contava muitas histórias: “Minha vó véia, que era como a gente chamava ela, contava que no tempo da guerra ela era mocinha, tinha 14 anos. A gente perguntava pra ela como é que foi a guerra e ela começava a contar. Ela já tremendo assim, fumando um cachimbinho, contava que na hora das balas ela saía correndo (...)”

Nesse processo de transmissão, muitas idéias formadas a respeito da figura de Antônio Conselheiro e dos fatos ocorridos no Bello Monte são perpetuadas. É certo que o imaginário dos jovens canudenses se distingue em alguns aspectos do imaginário dos mais velhos, contudo a tradição oral dá conta de veicular as lembranças da velha geração e transmitir o conhecimento que será mais uma vez reelaborado pelas gerações seguintes.

Uma outra fonte importante que inspira o imaginário popular existente hoje em Canudos é a presença da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) na região. Além de realizar neste ano pela terceira vez a SEMANA CULTURAL DE CANUDOS, onde promove palestras, exposições, filmes, gincanas, etc., a UNEB lançou em 1991 a Cartilha Histórica de Canudos (FERRAZ, 1991), que foi introduzida no ensino de 1º e 2º graus do município.

A Cartilha Histórica de Canudos foi criada por três técnicos da UNEB com o intuito de transmitir aos estudantes deste município a sua própria história. É uma tentativa de contar a história de Canudos para os jovens que ainda não a conhecem, e ao mesmo tempo de não deixá-la ser esquecida por aqueles que já ouviram falar da comunidade de Antônio Conselheiro.

Percebe-se claramente a influência da Cartilha na fala dos jovens canudenses. Muitos até mesmo comparam os dados contidos na Cartilha com as informações fornecidas pelos mais velhos através da tradição oral, numa tentativa de conferir se estes coincidem. Os estudantes confiam nas informações contidas na Cartilha e a consideram uma fonte segura de dados. Os jovens canudenses lêem-na como uma espécie de manual, à qual recorrem para conferir nomes, datas e dados históricos. Há uma grande preocupação destes jovens em informar sua história de forma “correta”, ou seja, sem “errar” os nomes, as datas, os dados históricos. Quando lhes perguntava sobre esse cuidado, eles me respondiam: “porque nós somos de Canudos e quando saímos para Salvador ou qualquer outro lugar, as pessoas perguntam: 'você é de Canudos? Me conte um pouco a história de lá. 'Aí é uma vergonha se a gente não souber.’” Assim me informou Jociluce Alves, 17 anos.

Ao transmitir as informações sobre a história de Canudos, a Cartilha Histórica influencia o imaginário dos jovens canudenses e os instiga, inclusive, a procurar outras fontes que satisfaçam sua curiosidade. É possível perceber que muitos jovens, após lerem a Cartilha, despertaram para ouvir o depoimento de seus velhos avós, reconhecendo o valor contido nestas lembranças empoeiradas pelo tempo e permitindo a fusão destas diversas informações na composição do seu imaginário.

Além da “situação de entrevista”, da memória popular e da presença da UNEB em Canudos, há uma outra fonte importante que também alimenta o imaginário popular da região. Trata-se da atuação da Igreja Católica que, desde 1983, através do “Novo Movimento Histórico de Canudos”, realiza todos os anos, à beira do Açude de Cocorobó, uma grande missa campal denominada “Celebração Popular pelos Mártires de Canudos”, onde são lembrados, no entender do Movimento, os ideais de Antônio Conselheiro.

Hoje, no entanto, o “Novo Movimento Histórico de Canudos” está desvinculado da Igreja Católica. Após algumas discordâncias internas, surgiu em 1989, uma nova manifestação por parte da Igreja, também com o intuito de conscientizar o povo da região a partir do resgate da história de Canudos. Trata-se da Romaria ao Alto do Mário, organizada pelas freiras, que ocorre sempre no mês de outubro, próximo à data final da guerra de Canudos.

A Romaria é um momento em que a Igreja resgata a história de Canudos para propagar os ideais de organização e luta por direitos, onde são tratadas as questões da terra, do trabalho e da melhoria das condições de vida do povo. Desta forma, a Igreja tem difundido a idéia de que a comunidade de Antônio Conselheiro foi um exemplo de organização popular que prosperou. Nas Romarias, bem como nas missas, festas religiosas, reuniões de sindicatos e grupos populares, a Igreja transmite a sua versão da história de Canudos, e assim como as demais fontes citadas, inspira o imaginário de seus fiéis.

Identificadas estas fontes, é possível chegar a várias conclusões a respeito do imaginário popular presente hoje em Canudos. Há alguns temas que se destacam na fala, na poesia, na pintura, cantos e rezas dos canudenses, seja por sua insistente presença no imaginário popular, ou pela importância dada pelos próprios habitantes de Canudos ao narrarem determinados fatos que compõem o seu passado.

Analisando estes temas é possível perceber o quanto que o imaginário popular é uma “narrativa que se refere ao passado ('Naquele tempo...', 'Era uma vez...') mas que conserva no presente um valor eminentemente explicativo, na medida em que esclarece e justifica certas peripécias do destino do homem ou certas formas de organização social”(GIRARDET, 1987:12). Os temas analisados neste trabalho revelam o encadeamento de imagens expresso no imaginário popular de Canudos, bem como sua relação com a realidade dos canudenses. O imaginário popular é também a expressão de um grupo frente às suas inquietações. “E na fuga para fora do tempo presente, na recusa ou na negação de algumas das formas contemporâneas da vida social que eles projetam, por sua vez, o encadeamento singularmente complexo de imagens, de representações e de símbolos de que permanecem os inesgotáveis geradores”(GIRARDET, 1987:134).

Proponho agora que revisitemos três destes temas, para que possamos compreender como o imaginário popular de Canudos se apropria deles. Penetrar este espaço significa conhecer a forma como os canudenses, a partir

da compreensão da realidade presente, concebem o seu próprio passado e revelam aquilo que se deseja que tenha sido a verdade. A revelação deste desejo torna visível aos nossos olhos os sonhos que habitam os corações e alimentam a esperança dos canudenses.

O IMAGINÁRIO POPULAR DE CANUDOS

A) A FARTURA

Segundo a descrição de Canudos dada por Euclides da Cunha, os sertanejos a concebiam como uma espécie de “Terra da Promissão”, um local onde poderiam salvar suas almas dos sofrimentos terrestres. Para Euclides, “os matutos crendeiros, de imaginativa ingênua” acreditavam que “ali era o céu”(CUNHA, 1991:20). Dentro do mesmo raciocínio, o Frei João Evangelista de Monte Marciano - que foi enviado a Canudos para tentar, sem sucesso, arrebatá-las “ovelhas desgarradas” - revelou em seu relatório: “Os aliciadores da seita se ocupavam de persuadir o povo de que todo aquele que se quisesse salvar precisa vir para Canudos, porque nos outros lugares tudo está tomado pela República. Ali, porém, nem é preciso trabalhar, é a terra da promessa onde corre um rio de leite e são de cuscuz de milho as barracas”.

(03)

Curiosamente, esta lenda é lembrada ainda hoje pelos canudenses quando estes narram o seu passado. Os sertanejos respondem às contradições do modo de vida do Sertão com o expurgo de suas próprias privações. Se isto não é claramente perceptível em sua prática diária, certamente se faz presente no seu discurso, onde tornam-se evidentes as relações de compatibilidade entre o mundo da lenda e a concepção sobre o passado (MONTEIRO, 1974). Os elementos positivos da vida pretérita passam por um processo de sublimação pois o passado dos canudenses é visto com os olhos de hoje, que são os mesmos olhos que veem a pobreza em sua vida presente.

A leitura do passado feita pelos canudenses revela a “fartura” como um dos elementos mais presentes no imaginário popular de Canudos. O tempo de Antônio Conselheiro é citado como uma época de muita “grandeza”, onde “todo mundo comia até encher a barriga, e ninguém fazia conta de nada, porque tinha comida bastante pra todo mundo”, segundo informou Dona Zefa (Maria Josefa dos Santos), (Foto 3), 81 anos, que mora em Canudos e cujos pais moraram no Bello Monte pois eram seguidores de Antônio Conselheiro.

A Canudos de Conselheiro é constantemente lembrada pelos atuais habitantes como um "paraíso" construído pelo homem na terra; um "paraíso" na concepção do sertanejo que passa por tantas e tantas privações. É possível perceber isso também nas palavras de Dona Isabel Guerra, (Foto 4), 82 anos. Ela também é descendente direta de conselheiristas e até o ano passado (1992), morava no Alto do Mário, local onde se situam as trincheiras da guerra de Canudos: "O povo desse mundo todo ia pra Canudos, porque lá tinha muito milho, muito feijão. Tinha roça, bode, gado. Tinha muita grandeza".

Essa tendência de se idealizar o passado revela-se frequentemente também no imaginário de outros povos. Ao analisar o movimento do Contestado (SC), Duglas Teixeira Monteiro anexa vários depoimentos de ex-rebeldes daquela guerra. Há um depoimento de um antigo participante ativo do Contestado, o senhor Benedito Pedro de Oliveira onde ele afirma que lá "todo mundo tinha largueza, todo mundo criava porcos e havia alimentação abundante"(MONTEIRO, 1974:235).

É comum na história atual de muitos povos do mundo inteiro a crença em um passado de fartura e abundância. "(...) the future millenium is often envisaged in terms of a past Golden Age which may represent a folk-memory of an actual earlier epoch in the society's history, however idealized"(WORSLEY, 1968:235).

Como não é possível a construção do passado sem a forte influência da situação de vida do presente, difunde-se a idéia de que passado e presente são antagonicos. "Com algumas nuances, todo sonho, toda recordação, toda evocação de uma idade de ouro qualquer parece com efeito, repousar sobre uma única e fundamental oposição: a do outrora e do hoje, de um certo passado e de um certo presente. Há o tempo presente e que é o de uma degradação, de uma desordem, de uma corrupção das quais importa escapar. Há, por outro lado, o 'tempo de antes' e que é o de uma grandeza, de uma nobreza ou de uma certa felicidade que nos cabe redescobrir"(GIRARDET, 1987:105).

Há uma homogeneidade na fala dos velhos habitantes a respeito da "grandeza de Canudos". "Seu" João de Régis, 79 anos, também filho de conselheiristas, declarou: "a vida naquele tempo era melhor porque chovia mais, tinha mais legumes..."

Esta idealização da fartura, da abundância de comida que o imaginário popular atribui ao tempo de Antônio Conselheiro significa muito mais que uma mera crença popular. Por que se falar de fartura onde a comida é limitada

e a fome é uma constante ameaça? Por que se falar em abundância de chuvas onde o índice pluviométrico é um dos mais baixos do Brasil? Essas são as formas de se representar o passado a partir da compreensão do presente, do mundo atual, onde até mesmo a natureza é concebida conforme a situação concreta de vida do habitante, que transfere para aquela a imagem de privação que ele tem dele mesmo. (SIGAUD, 1971).

Percebe-se então a natureza do tempo passado sendo representada a partir dos desejos do momento presente. É possível ainda representar a natureza de um tempo futuro a partir das mesmas motivações do presente. "Quando querem expressar sua crença de que o novo mundo deve ser fundamentalmente diferente do velho, (os movimentos milenários) podem, como os camponeses sicilianos, acreditar que de alguma forma até mesmo o clima pode ser modificado"(WOBSBAWM, 1978:67). Em ambos os casos, a representação revela sempre uma oposição entre tempos distintos, que define basicamente um outro tempo, que não agora, de natureza abundante, em detrimento de um tempo presente que não é agradável.

O imaginário dos canudenses discorre sobre um tempo passado que não foi diretamente conhecido. É um passado que tem o poder evocador de um modelo, de um arquétipo que emerge agora como uma "idade de ouro" do Sertão, uma época exemplar. "Como quer que seja, a cada modo de sensibilidade - ou de pensamento - político corresponde, assim, uma certa forma de leitura da história, com seus esquecimentos, suas rejeições e suas lacunas, mas também com suas fidelidades e suas devoções, fonte jamais esgotada de emoção e de fervor. Acontece, no entanto, que o passado entre a legendificação de certos tempos privilegiados da memória e sua fixação no sagrado não pode deixar de ser rapidamente dado. Oposto à imagem de um presente sentido e descrito como um momento de tristeza e de decadência, ergue-se o absoluto de um passado de plenitude e de luz" (GIRARDET, 1987:98).

O movimento do sonho na direção de um passado de luz, mais feliz e mais belo tende frequentemente a se cristalizar não apenas em torno da questão da fartura, mas também em função de assuntos muito pertinentes à realidade de vida do grupo. O imaginário popular de Canudos evoca um passado de fartura não apenas porque se acredita que a natureza era mais abundante, mas também porque teria havido um sentimento comum que congregava os conselheiristas em torno de um mesmo ideal. Não teria sido à toa que os

seguidores de Antônio Conselheiro lutaram até o “esgotamento completo”(CUNHA, 1991:407), e que “lutaram até morrer” como veremos adiante no item “A Valentia dos conselheiristas”.

Além de ser representada como um local de fartura, a Canudos de Antônio Conselheiro é considerada hoje por muitos de seus atuais habitantes como um lugar onde havia “libertação” e “união”. Os canudenses acreditam que havia um forte sentimento de união entre os conselheiristas. Esta é uma imagem que aparece muitas vezes aliada à imagem da fartura, certamente por influência das pregações da Igreja Católica de Canudos. Segundo o depoimento de Dona Zefinha (Ana Josefa dos Santos), (Foto 5), 78 anos, filha de conselheiristas: “O povo vinha pra Canudos porque lá era uma vida liberta, de união. Em Canudos corria um rio de leite e as ribanceiras eram de cuscuz. O rio minava em qualquer lugar que a gente cavasse uma cacimba. Hoje tudo é difícil. Tem pessoas aqui hoje que pasam por muitas privações. Em Canudos todo mundo tinha suas moradas, seus criatórios. E hoje, como é que a gente faz pra comprar um quilo de carne?”

Evidentemente, a união que existia na comunidade de Antônio Conselheiro, no entender dos atuais canudenses, era fruto não apenas da solidariedade daquele povo em torno de um ideal, mas também decorrente da influência de seu grande líder. Segundo Dona Zefinha, “Conselheiro era um servo de Deus, que queria que o povo se unisse pra trabalhar e rezar e todo mundo ter o seu”. Certamente, o poder de Antônio Conselheiro para unir o povo decorria de suas características “sobre-humanas”. “By this projection on the supernatural plane, he (the leader) thus avoids sectional discord. This is always backed up by specific injunctions to love one another, by calls to forget the narrow loyalties of the past, to abandon those things that divide them and to practice a new moral code of brotherly love” (WORSLEY, 1968:237).

Este imaginário a respeito da figura de Antônio Conselheiro como alguém que promovia a união de seus seguidores é algo perpetuado hoje no discurso da Igreja Católica de Canudos. Além de alimentar o imaginário a respeito da “união” e da “libertação” existentes na velha Canudos, a Igreja também divulga a idéia de que lá havia muita fartura. Em alguns momentos, inclusive, a idéia da fartura aparece mesmo como consequência da “união” e da “partilha” divulgadas pela Igreja. Segundo as palavras de Edileusa Ramos: “Tinha mais fartura naquela época. Porque hoje, quem tem, é difícil dividir com o outro. E lá não. Era tudo dividido, por isso eu acho que em Canudos a fartura era mais do que hoje”.

Para ilustrar de que forma a Igreja Católica de Canudos influencia na formação do imaginário de seus fiéis, reproduzo aqui um cântico que é sempre evocado nas missas:

MUNDO DE IRMÃOS

O Nordeste era dor, era pranto
O homem era escravo do chão
A vida amarrada na canga
O povo morria sem pão
E Canudos apareceu
Trazendo fartura pro chão
O homem cansado viveu
O atraso se fez comunhão
Vieram irmãos de outras glebas
Vieram do mar, do Sertão
Juntar seus haveres na terra
Plantar o seu mundo de irmãos
A terra pulou de alegria
No velho, a vida nasceu
Canudos era um outro dia
O povo viu paz no que é seu.

Muitos dos cânticos da Igreja Católica de Canudos evocam um passado onde se aliavam a fartura, a união e a libertação na vida dos seguidores de Antônio Conselheiro. É interessante perceber que, ao contrário do que comumente se acredita, a idealização do passado está presente também no imaginário dos jovens canudenses. Ao se estudar o imaginário de um povo, o que “o analista encontra em primeiro lugar é, sem dúvida, o que se pode indiferentemente chamar de ‘os bons velhos tempos’ ou as ‘belas épocas’”. E não se trata apenas aqui dessa função memorial de criatividade legendária que os ‘antigos’ sempre exerceram, evocando o tempo passado de sua juventude”(GIRARDET, 1987:98).

A idealização do passado por parte dos jovens canudenses é uma revelação de que, além da influência da Igreja Católica, a tradição oral transmite aos mais jovens a concepção de mundo dos mais velhos. Pode-se perceber isso na fala de Rainê Pereira dos Santos, 23 anos, neta de Dona Maria Josefa dos Santos: “Naquele tempo tinha mais fartura, porque o pessoal plantava e não fazia

ligança de nada. Hoje, quem é que dá nada de graça a ninguém?" Neste mesmo sentido está o depoimento de Aroldo Costa dos Santos, 28 anos, membro da ACEPAC (Associação Centro de Estudos e Pesquisas Antônio Conselheiro): "Lá tinha muita fartura. Canudos parece que foi abençoada por Deus. Um Sertão desses... e tinha fartura! A terra era muito boa, as margens do rio eram férteis".

A fala dos jovens canudenses demonstra uma preocupação em comparar o tempo de Antônio Conselheiro com o momento atual não apenas quanto à fartura, mas também no que se refere à "libertação" que eles acreditam ter existido no Bello Monte. É possível perceber isso na fala de um jovem poeta popular canudense, José Américo Amorim, 27 anos: "Canudos foi a primeira experiência de Reforma Agrária. As casas eram feitas em mutirão. O que unia as pessoas em Canudos era o sentido de libertação: fugir das correntes da opressão. Se você está no cativeiro e alguém lhe fala: 'vamos ali que ali vai ser bom, teremos casa, teremos terra, teremos pão', você vai, não é? Se Canudos existisse hoje, eu lutaria por essa causa".

Percebe-se aqui mais uma vez a influência do discurso da Igreja Católica de Canudos. Como exemplo disso, reproduzo aqui uma parte de mais um cântico da Igreja que, como muitos outros, refere-se à libertação de Canudos:

"Em nome da terra
Louvor, criação
Beleza, promessa
Sustento do pão
A terra de Deus
Justa promessa
Será sementeira
De libertação".

(do cântico "Em nome de Deus").

Neste sentido, percebe-se claramente como as diversas fontes inspiradoras do imaginário popular de Canudos se mesclam para formar uma opinião a respeito do tempo de Antônio Conselheiro. As lembranças dos mais velhos são decisivas na formação da concepção do passado dos mais jovens, mas se misturam às novas influências existentes na atualidade. É certo que a Cartilha Histórica de Canudos não traz referências à "fartura" do Bello Monte, mas a Igreja Católica de Canudos trabalha esta idéia no imaginário de seus fiéis.

Contudo, a Canudos de Antônio Conselheiro só é lembrada desta forma porque o imaginário popular assim a concebe. Não se trata de afirmar aqui que os canudenses pensam o seu passado exatamente da mesma forma que a Igreja Católica o anuncia, ou absolutamente igual ao que está escrito na Cartilha Histórica de Canudos. Mas sim, permitir que saibamos que o imaginário popular bebe destas fontes para conceber o passado a partir de uma consciência formada no presente.

Uma rede ao mesmo tempo sutil e poderosa de ligações de complementaridade mantém passagens, transições e interferências entre os contornos do imaginário no que se refere a passado, presente e futuro. O depoimento de Eginaldo Cardoso dos Santos, 25, revela como a Canudos do passado é trazida hoje como referencial de futuro: "O Bello Monte continua aqui pra gente que acredita num futuro brilhante ainda".

A nostalgia de um "passado maravilhoso" desemboca geralmente na espera de sua ressurreição. Por isso mesmo, ao representar o tempo de Antônio Conselheiro como um momento de fartura, o imaginário popular de Canudos atua como uma compreensão sobre a realidade atual, onde a idealização da fartura revela o forte e constante desejo de que ela se faça presente hoje, ao lado dos ideais de união e libertação, que mesmo após sofrerem o habitual processo de seleção e inflexão da memória, permanecem vivos e fortes no imaginário popular de Canudos.

B) A FIGURA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

De tudo que existe no imaginário popular de Canudos, certamente a figura de Antônio Conselheiro é o que mais se destaca. Conselheiro está presente tanto nas falas dos canudenses quanto nas canções, na poesia e nas pinturas que se encontram na cidade.

O evento do Centenário de Canudos - 100 anos da fundação do Bello Monte - foi uma oportunidade de se perceber a importância dada pelos canudenses ao líder Antônio Conselheiro. No "arraial" armado na principal praça da cidade, havia vários desenhos do Conselheiro em cartazes, camisas e até esteiras pintadas à mão. Na entrada do "arraial", viam-se duas grandes pinturas: de um lado, estava Santo Antonio, o padroeiro da cidade e "dono da festa" que se realiza a esta época do ano, do outro lado e desenhado do mesmo tamanho estava a figura de Antônio Conselheiro. (Foto 6).

É interessante perceber como a figura deste líder habita hoje o imaginário do povo canudense, pois traz à tona a forma como os jovens e os idosos concebem e idealizam uma liderança a partir da imagem de Antônio Conselheiro.

Os relatos dos informantes mais velhos revelam uma tendência a idealizar mais as características ditas sobrehumanas de Antônio Conselheiro. A memória dos velhos canudenses carrega um Antônio Conselheiro profeta, capaz de adivinhar fatos do momento em que viveu bem como do futuro. Segundo contou Dona Maria Josefa dos Santos, Conselheiro tinha o dom de adivinhar, dentre as pedras carregadas por seus seguidores para a construção da igreja nova, quais haviam sido trazidas de má-vontade. Quando isto acontecia, o líder prontamente mandava retirar da construção estas pedras “malditas”, pois o trabalho em mutirão só prestaria se fosse feito com amor. Dona Maria Josefa afirma: “Conselheiro era bom. Mãe disse que o povo gostava dele. O povo até brigava pelos restos de sua comida porque eles diziam que faziam milagres e curavam doenças”.

A figura de um herói salvador com características sobre-humanas se faz presente no imaginário popular de vários lugares diferentes do mundo. Ao descrever a importância dos “bandidos sociais” que atuavam como verdadeiros heróis para os camponeses europeus, Hobsbawm afirma que a crença no herói “é um sonho poderoso, razão dos mitos que se formam sobre os grandes bandidos, emprestando-lhes poderes sobre-humanos e a imortalidade desfrutada pelos grandes reis justos do passado (...)” (HOBSBAWM, 1978:33).

Outro exemplo disso é o depoimento de um informante de Duglas Teixeira Monteiro, Sr. Benedito Pedro de Oliveira, o já citado ex-rebelde do Contestado, que também refere-se ao beato José Maria como alguém que possuía “poderes”: “Estava aqui, logo mais desaparecia deste ponto, para aparecer em outro diferente” (MONTEIRO, 1974:235).

Concebido como herói, Antônio Conselheiro era, portanto, um homem que se distinguia dos demais. No imaginário destes velhos habitantes de Canudos, o líder do Bello Monte é lembrado como alguém que possuía características de santo: “Dizem até que quando ele morreu, desenterraram ele depois de oito dias e ele nem fedia”. Assim informou Dona Maria Josefa dos Santos que discorreu também sobre o poder que Conselheiro tinha em fazer profecias: “O sermão do Conselheiro dizia muitas coisas que aconteceriam como se vê hoje. Dizia que haverá de chegar um tempo em que haveria muita gente nesse mundo:

muitas cabeças e pouco chapéu, muita gente pra pouca comida e pouco abrigo como tá existindo hoje”.

É comum que os líderes destes movimentos de caráter eminentemente popular sejam exaltados como homens detentores de poderes sobre-humanos, principalmente quando a religião é um fator fundamental na vida destes povos. No caso de Canudos, onde o Catolicismo sempre esteve fortemente presente, atribuir poderes sobrehumanos a Antônio Conselheiro significa torná-lo mais próximo de Deus, consagrando-o como um mensageiro do divino, um messias que veio conduzir o povo segundo as leis celestiais. “By projecting his message to the supernatural plane, he (the leader), clearly demonstrates that his authority comes from a higher sphere (...)” (WORSLEY, 1968:237).

Outra senhora canudense, a já citada Dona Zefinha (Ana Josefa dos Santos), também evidencia as características sobre-humanas de Antônio Conselheiro e o seu poder de realizar milagres: “Quando a guerra pegou e a coisa ficou feia, quem não quisesse ser atingido de bala que se aproximasse do Conselheiro. Ele abria assim os braços... e ficava completo de gente. A bala chegava perto mas não atingia dentro”.

Citando mais uma vez HOBSBAWM e sua análise da importância dos “bandidos sociais” para as pessoas da zona rural européia, é possível perceber mais uma coincidência, ou melhor, tendência do imaginário popular em relação ao herói: “Os camponeses, por sua vez, acrescentam a invulnerabilidade às muitas outras qualidades lendárias e heróicas do bandido. Dizem que Angiolillo tinha um anel mágico que desviava as balas. Shuhaj era invulnerável porque tinha um ramo verde com que afastava as balas, ou porque uma feiticeira lhe havia feito beber uma poção que o tornara resistente a elas (...)” (HOBSBAWM, 1978:24).

Dona Zefinha é conhecida como a “protetora do Cruzeiro”, uma das poucas coisas materiais que sobrou da velha Canudos. É uma cruz construída por Antônio Conselheiro e que, segundo Dona Zefinha, também tem o poder de realizar milagres: “Os soldados tentaram derrubar o Cruzeiro, que nenhuma bala conseguia comer. Quando chegaram na frente do Cruzeiro e esticaram o braço, ficaram paralisados, com o facão preso na mão e o braço duro. Não conseguiram derrubar o Cruzeiro e hoje ele está aí fazendo milagres”.

Em homenagem ao Cruzeiro e ao “Bom Jesus Conselheiro”, Dona Zefinha compôs o “Canto Histórico à Cruz”:

“Ó! Cruz bendita, tú reinarás
 Aqui está plantada como vitória
 Pois de Canudos, Bello Monte
 Foi o que ficou como lembrança
 Olhem os braços desta cruz
 Toda ferida, venceu a batalha
 Os poderes de Deus são mais que tudo
 Está contando a história como vitória
 Quem estiver aflito, venha aqui
 Abraça esta cruz, dizendo assim:
 Ó! Cruz milagrosa, de braços abertos
 Venceu a guerra, socorra a mim.
 Antônio Conselheiro foi um servo de Deus
 Ele morreu mas não se entregou
 A exaltação desta cruz querida
 É a maior prova desta história”.

Como a própria Dona Zefinha afirma no final do seu canto, “a exaltação desta cruz querida é a maior prova desta história”. A referência feita ao Cruzeiro revela, na verdade, uma forma de lembrar Antônio Conselheiro e a sua capacidade de fazer milagres. Exaltar o Cruzeiro significa manter viva a história de Canudos.

Entretanto, a maioria dos jovens canudenses parece não acreditar muito nestas características sobrenaturais de Antônio Conselheiro. O imaginário dos jovens revela uma crença maior nas virtudes de liderança que, ao seu ver, estavam presentes na atuação do Conselheiro. Para Teresa Cristina Guimarães da Conceição, 17 anos, componente da ACEPAC: “O povo acreditava que Antônio Conselheiro era Deus. Mas eu não acho que ele fazia milagre não. Pra mim, ele foi um líder religioso”. Antônio Conselheiro é retratado por estes jovens canudenses como um grande líder religioso, político e até mesmo ideológico: “Ele era um líder ideológico. Tentou implantar uma experiência inédita que foi derrotada. Se tivesse vingado, teria sido bom”. Assim informou José Raimundo Freitas de Souza, 29 anos, também membro da ACEPAC.

Neste mesmo sentido está o depoimento do já citado jovem canudense Aroldo Costa dos Santos: “Ele fazia obras sociais e era um alento para o povo. Eu acho que nunca vai haver alguém na história da humanidade para conseguir o que Conselheiro conseguiu. Só Cristo. Eu acho que ele era um político sem politicagem, porque quem faz alguma coisa em prol da comunidade é político, não é?”

Antônio Conselheiro habita o imaginário destes jovens canudenses como um líder que foi capaz de organizar o povo em prol de uma vida melhor e que trouxe libertação da miséria. “The history of apocalyptic religions and of messianism is of special interest to people whose culture has included a central belief in One whom they believe to be the Messiah, who died for mankind and with whom they hoped to be reunited in Paradise”(WORSLEY, 1968:221).

“Ele era um líder. Líder de um povo que tentava exatamente uma organização, uma libertação dos poderes que até hoje nós sofremos. Conselheiro queria mudar essa história. Ele queria trazer uma coisa diferente: ele queria que o povo fosse livre”. Essa é a opinião de José Américo Amorim, o já citado jovem poeta popular canudense, que se mostrou um verdadeiro apaixonado por Antônio Conselheiro. O poeta afirma sentir “saudades” do líder, apesar de só tê-lo conhecido através das histórias contadas pelos velhos canudenses e, mais tarde, através de livros. Assim revela o seu poema para Antônio Conselheiro:

ANTÔNIO

Que saudade de Antônio
 Antônio dos Mares
 Antônio da paz
 Antônio dos Anjos
 Rogai por nós
 Que saudade de Antônio
 Antônio Aparecido

Antônio perseguido
 Antônio defensor
 De um povo oprimido
 Que saudade de Antônio
 Antônio da verdade
 Antônio da igualdade
 Antônio do Bom Conselho
 Mas na vila Canudos
 Tornou-se Antônio Conselheiro.

No imaginário dos velhos canudenses, isso só foi possível porque Antônio Conselheiro possuía características sobrehumanas, enquanto que para os jovens, foi a sua capacidade de liderança que tornou viável a organização de Canudos.

Percebe-se, na formação do imaginário popular de Canudos a respeito da figura de Antônio Conselheiro, mais uma combinação de variados elementos. A Cartilha Histórica de Canudos cita-o como um homem grandioso; a figura máxima de Canudos: “O Conselheiro reinava soberano e incontestado. Espécie de monarca teocrático, a todos atendia e aconselhava, bondoso mas enérgico como um pai cuidadoso dos destinos de sua numerosíssima prole (...)” (FERRAZ, PINHEIRO, SANTOS NETO, 1991:32).

A Igreja Católica também trata da imagem de Antônio Conselheiro como sendo a de uma figura de destaque. Isto se faz presente em todo o seu discurso, tanto nas missas quanto nos folhetos que distribui entre os fiéis. Um destes folhetos, chamado “Canudos: uma nova sociedade nasce da fé e da organização do povo” afirma: “Quando se tornou bem conhecido, o povo humilde lhe deu o nome de Conselheiro. Porque era um homem justo e aconselhava as massas camponesas a se organizarem na conquista de melhores dias (...) Era um verdadeiro Conselheiro do povo do Sertão, que vivia abandonado pela Igreja, acorrentado pelos coronéis, perseguido pelo Estado”.

Apesar de partirem de pressupostos diferentes, tanto o imaginário dos jovens quanto o imaginário dos mais velhos alimentam-se das variadas fontes para conceber a figura de Antônio Conselheiro como a de um verdadeiro herói. Velhos e jovens canudenses afirmaram que Antônio Conselheiro comia pouco e jejuava com bastante frequência: “Ele era sequinho. Eu não vi não, mas ouvi mãe contar. Ele era sequinho com uma tunicazinha azul, aqui aberta, abotoadinha até aqui embaixo (...) Ele jejuava eu penso que toda a vida, porque uma pessoa que come assim tão pouquinho... Ele comia um taquinho. Um rabo de uma trairinha assim, e uma colherzinha de arroz. O povo comia pra encher a barriga, agora ele comia pouquinho. Dizem que era uma colherzinha pequena de arroz e outra de feijão e o peixinho. A comidinha dele toda cabia num pires!” (Dona Maria Josefa dos Santos)

Em consonância com esta fala de Dona Maria Josefa, muitos jovens também revelam ter uma imagem de um Antônio Conselheiro que comia pouco. A figura de Antônio Conselheiro é concebida como a de alguém que está acima dos padrões de uma moral exemplar. Conselheiro é idealizado como um asceta, que pretendia “não ganhar mais nem viver melhor do que os outros, trabalhar mais, se 'puro', sacrificar sua felicidade pessoal (tal como a felicidade é entendida pela velha sociedade) à vista plena do público”, como os heróis citados por (HOBBSAWM, 1978:69). Como a felicidade para os canudenses, e para o

sertanejo de um modo geral, passa pela questão da existência da fartura, Antônio Conselheiro, por abrir mão de desfrutá-la, torna-se ainda mais heróico e distinto dos demais homens aos olhos dos canudenses.

Antônio Conselheiro é para os canudenses a pessoa mais importante que Canudos já teve, até hoje incomparável e insuperável. É interessante perceber que, num momento como o atual, em que todo o país vive uma crise de representação política, um herói permaneça vivo no imaginário de um povo. Acreditar na existência de heróis revela um desejo humano de se fazer representado por alguém que se admira e se confia. Antônio Conselheiro, como qualquer outro herói, simboliza a esperança que os seres humanos depositam uns nos outros.

c) A VALENTIA DOS CONSELHEIRISTAS

Na opinião de Euclides da Cunha, os seguidores de Antônio Conselheiro eram “fanáticos” e estavam imersos num sonho religioso, onde não se dava muita importância à vida material. Acreditando num suposto “desapego ao mundo material” por parte do sertanejo, Euclides da Cunha associa a sua persistência de luta a uma falta de amor à vida. Ao descrever a resistência do sertanejo durante a Expedição Moreira César, Euclides da Cunha afirma: “Homens de todas as cores, amálgamas de diversas raças, parece que no sobrevir dos lances perigosos e no abalo de emoções fortíssimas, lhes preponderam, exclusivas, no ânimo, por uma lei qualquer de psicologia coletiva, os instintos guerreiros, a imprevidência dos selvagens, a inconsciência do perigo, o desapego à vida e o arremesso fatalista para a morte” (CUNHA, 1991:219).

Entretanto, a fala dos canudenses revela motivos bem diferentes destes apresentados por Euclides da Cunha para explicar o “arremesso para a luta” e a resistência incondicional dos conselheiristas. Ao contrário de justificar a braveza destes sertanejos como uma falta de amor à vida, o imaginário popular de Canudos concebe os seguidores de Antônio Conselheiro como uma gente valente que amava tanto a sua comunidade que a defenderia de qualquer perigo. “Eles lutaram até morrer porque não queriam que Canudos se acabasse”, afirmou Dona Isabel Guerra.

Para se pensar a valentia dos conselheiristas, é importante não se perder de vista que a vingança a delitos de honra é parte da tradição do sertanejo (GALVÃO, 1972). A questão da honra perpassa toda a conduta de vida do

povo sertanejo, exaltando a valentia como um valor maior em suas vidas. Em Canudos, parece que ainda hoje se engole em seco quando se lembra que o povo de Antônio Conselheiro foi barbaramente massacrado numa guerra que permanece mal-contada.

Tanto os jovens quanto os velhos canudenses acreditam que os conselheiristas lutaram até morrer, que defenderam Canudos até o último momento sem se renderem. No imaginário dos canudenses, o povo de Antônio Conselheiro resistia porque tentava defender aquela vida de fartura, de união, que os congregava em torno do Conselheiro. “Eles morreram, mas não se renderam, porque eles tinham opinião!”, disse Dona Zefinha, demonstrando que os conselheiristas tinham um ideal para defender.

Dona Maria Josefa dos Santos afirmou algo consensual à fala de Dona Zefinha: “Mãe disse que muitos se jogavam no fogo pra não se entregar aos soldados, pra não dar gosto. Quando o soldado mandava eles dizerem: 'Viva a República!', eles diziam 'Viva o Bom Jesus Conselheiro!' e pulavam dentro do fogo. Eles preferiam se jogar no fogo do que dar as costas pro Bom Jesus”.

É interessante notar que a crença nesta valentia dos conselheiristas se faz presente também no imaginário dos jovens canudenses. Muitos deles narram apaixonadamente as situações ocorridas durante a guerra, demonstrando sentirem orgulho de serem descendentes destes bravos sertanejos. Segundo informou Aroldo Costa dos Santos: “Eles não se renderam. Eles queriam defender sua terra. Eles tinham o ideal deles. Tinham que se defender mesmo. Fizeram a coisa certa. Se eu estivesse lá, eu teria entrado nessa batalha também”. O depoimento de outro jovem canudense, Eginaldo Cardoso dos Santos, também caminha neste sentido: “Quando se luta até a degola, é porque são pessoas conscientes. O povo de Antônio Conselheiro queria de verdade o progresso do Sertão. Por que hoje não se luta até a morte? Porque hoje não se tem a consciência que teve o povo de Antônio Conselheiro pra se morrer por um ideal”.

Certamente, há a influência das diversas fontes que inspiram o imaginário popular de Canudos na composição de uma imagem dos conselheiristas como uma gente brava e valente. A Cartilha Histórica de Canudos, apesar de tentar mostrar-se “imparcial” ao discorrer sobre a guerra de Canudos, e se apegar bastante ao número de baixas daqueles que lutaram de ambos os lados, não pode deixar de citar a valentia dos sertanejos que “atacavam furiosamente”. “Empenham-se na luta todos os habitantes, todos guerreiam como podem,

inclusive velhos, mulheres e crianças que buscam uníssonos o sacrifício supremo: a glória de morrer pelo Bom Jesus (Conselheiro)” (FERRAZ, PINHEIRO, SANTOS NETO, 1991:51).

A Igreja Católica de Canudos também se refere aos conselheiristas como uma gente valente. Há inclusive um cântico que é entoado na época da Romaria que exalta a coragem e a persistência dos guerreiros do Bello Monte:

BRAVOS GUERREIROS

E o que eu fiz pra merecer
Esta degola, vendo morrer
Meus seguidores a soluçar
Bravos guerreiros a se acabar
Andei do Sertão ao mar
Andei do mar ao Sertão
Uni em todo lugar
Nortista de sangue irmão
Preguei do evangelho a fé
Amei quanto pode a vida
Preguei o que Deus mais quer
A terra bem dividida
Deixei casa e meu lugar
Em busca de um mundo irmão
Viver era só lutar
Só quis a libertação
Nordeste que eu tanto amei
Nos olhos do lavrador
Um dia amanhecerás
Liberto do agressor
Reparto contigo a dor
Irmão do meu povo irmão
Canudos flora na terra
A guerra não foi em vão”.

Segundo Edileusa Ramos, colaboradora da Igreja: “Eles lutavam com garra mesmo. Eles não tinham medo não. Porque eles queriam defender o povoado deles e eles não queriam que ninguém tomasse. Aqueles caboclões retados lutavam mesmo!”.

Vendo os seus antepassados como heróis, os canudenses reacendem a chama dos ideais pelos quais o povo de Antônio Conselheiro lutou. “Sobrevivem apenas os ideais pelos quais lutaram, ou pelos quais canções lhes foram dedicadas por homens e mulheres que, em volta da lareira, ainda mantêm a visão de uma sociedade justa, cujos campeões são bravos e nobres (...)” (HOBSBAWM, 1978:36).

Nesta forte tendência dos canudenses em exaltar a vaientia dos conselheiristas, afirma-se que estes lutavam devido à fidelidade que tinham aos seus ideais e ao “Bom Jesus Conselheiro”. Além de reforçar a figura de Antônio Conselheiro como um grande líder, revela a existência de outros heróis, de todo um povo heróico que lutou ao seu lado e que é hoje valorizado pelos atuais habitantes de Canudos. E valorizar os seus antepassados significa, antes de mais nada, valorizar a si mesmo, dentro do processo do imaginário popular que identifica os habitantes da velha Canudos com os atuais que, como aqueles, também sonham e possuem ideais.

CONCLUSÃO

As manifestações do imaginário pertencem a um sistema particular de discurso, que constituem modos originais de expressão que estão muitas vezes afastados da construção retórica habitual. Por isso, é preciso abrir outras portas para se analisar o imaginário. O pensamento lógico e organizado é uma forma de tentar trazer o imaginário à nossa compreensão, como busquei ao longo deste trabalho. No entanto, é preciso ter claro que, neste processo de traduzir o imaginário para a linguagem racionalmente construída, muito se perde, principalmente aquilo que não pertence ao campo da razão.

Mais do que reconstruir o passado e remontar os fatos ocorridos na época de Antônio Conselheiro, o imaginário popular revela quais são os desejos mais profundos de um povo, porque ele é constantemente elaborado e reelaborado no momento presente. Por isso mesmo sua atuação ocorre como parte da consciência atual, revelando a compreensão de mundo que possui um determinado grupo.

Acreditar que a fartura um dia existiu significa acreditar na sua viabilidade concreta; significa acreditar que ela pode existir de fato. Falar em “rio de leite e ribanceiras de cuscuz” é o mesmo que dizer que se deseja a fartura, que se deseja que haja comida em abundância, sem limitações, como ela originalmente existia na natureza.

Idealizar a figura de Antônio Conselheiro, e transformá-lo de líder do passado a um herói atual, pode significar a vontade dos canudenses em serem dignamente representados e organizados como eles acreditam que foram os seguidores de Antônio Conselheiro.

Da mesma forma, atribuir aos seus antepassados as características de valentes e resistentes é o mesmo que se identificar com eles na valorização dos seus ideais; significa acreditar que existem ideais pelos quais vale a pena lutar até morrer.

Por isso mesmo, o imaginário popular atua na compreensão do passado, do presente e do futuro: “(...) não há ruptura, confronto irredutível entre os poderes da nostalgia e os da esperança, mas continuidade, indispensável complementaridade. O tempo perdido, uma vez evocado, é necessariamente um tempo que já se redescobriu. O sofrimento do exílio não é senão um apelo ao retorno. Do mesmo modo, não existe evocação de uma felicidade desaparecida que não testemunhe simultaneamente uma aspiração à sua recuperação. O destino se recoloca em marcha desde que a lembrança é chamada a vencer as sombras do esquecimento. A sacralização do passado nunca está muito afastada do anúncio profético de seu renascimento (...)” (GIRARDET, 1978:137).

A partir do entendimento do presente, o imaginário se apropria do passado, muitas vezes idealizando-o, revelando aquilo que um povo tem como projeto de futuro. Afinal, “Lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado” (BOSI, 1979:135). Uma ilustração deste entrelaçamento de passado, presente e futuro do imaginário popular de Canudos é o depoimento de Edileusa Ramos a respeito da fartura do Bello Monte: “Mudou muita coisa do tempo de Antônio Conselheiro pra hoje. Acho que naquele tempo devia ser muito melhor viver. Hoje você vê que os grandes continuam querendo tirar vantagem dos pequenos. Ah, se fosse igual como em Canudos, tudo igual, tudo partilhado, aquela comunidade de paz... Hoje, quem tem um pouquinho, já pena que o pobre não é nada, que é um bicho, um animal (...) Por isso hoje muita gente se sente reprimida, sem vez, sem voz. Mas agora surgiram esses movimentos e as pessoas tão começando a ter vez, ter voz, já podem dizer o que sentem. E a gente tem que lutar. Os pobres tem mais é que lutar pelos seus direitos, como fizeram em Canudos (...) Eu tenho esperança que o dia vai chegar...”

Estudar os sonhos de uma sociedade constitui um instrumento de análise para o seu conhecimento. Estudar o imaginário de um povo é uma tentativa de transcrever o irracional na linguagem do inteligível, logo os resultados são sempre parciais e incompletos. A realidade do imaginário popular é tal que,

por mais rigorosa que seja sua análise, sempre se perderão alguns de seus aspectos (GIRARDET, 1987). "Encontramo-nos em um domínio onde o único verdadeiro conhecimento seria da ordem do existencial"(GIRARDET, 1987:23). O imaginário popular, para ser realmente compreendido, tem que ser intimamente vivido "na adesão de sua fé, no impulso de seu coração e no empenho de sua sensibilidade" (GIRARDET, 1987:23).

Estudar o imaginário popular de Canudos, como aqui me propuz, tem sido como uma tentativa de conhecer os sonhos dos canudenses. No entanto, fazer isso é o mesmo que tentar reduzir uma música viva a uma partitura. A partitura jamais abarcará as verdadeiras emoções que uma música provoca no mais íntimo de um ser humano.

A idealização do passado - onde se exaltam a fartura de Canudos, a figura de Antônio Conselheiro e a valentia dos conselheiristas - contida no imaginário popular de Canudos é, na verdade, uma projeção dos sonhos dos canudenses, que aqui tentei retratar. E o sonho só existe quando há esperança de que tempos melhores virão.

NOTAS:

⁽⁰¹⁾ De acordo com o professor José Calasans, Canudos era um povoado abandonado quando da chegada de Conselheiro, e não uma fazenda abandonada como afirmou Euclides da Cunha n' Os Sertões.

⁽⁰²⁾ Ver DURAND, Gilbert, "Introdução" In PITTA, Danielle Perin Rocha (org.), O Imaginário e a Simbologia da Passagem, Recife, Massangana, 1984.

⁽⁰³⁾ Ver CALASANS, José (apres.), Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispado da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos. - 1895, (Ed.facsimilada), Publ.da UFB^a, n^o 130, 1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARROS, Luitgard O. C., A Terra da Mãe de Deus, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
BOSI, Ecléa, Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos, São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.
CALASANS, José, "A guerra de Canudos na Poesia Popular" in REEDIÇÕES

01, Salvador, Publ. da UFB^a n^o 138, 1989.

_____. Canudos na Literatura de Cordel, São Paulo, Ática, 1984.

_____, No Tempo de Antônio Conselheiro, Salvador, Publ. da Ur v. da Bahia, 1959.

_____, Quase Biografias de Jagunços, Salvador, Publ. da UFB^a n^o 122, 1986

_____, (apres.), Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispado da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu Séquito no Arraial de Canudos.- 1895, (Ed. facsimilada), Publ. da UFB^a n^o 130, 1987.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio, A Política dos Outros, São Paulo, Brasiliense, 1984.

CAMARGO, Aspásia, Apresentação do Programa de História Oral- Catálogo de Depoimentos, FGV, Rio de Janeiro, ed. da FGV, 1981.

_____. História Oral e História, Conferência realizada no I^o Seminário Brasileiro de Arquivos Municipais, Rio de Janeiro, 1976.

CHAUÍ, Marilena, Cultura e Democracia: o discurso competente de outras falas, São Paulo, Moderna, 1980.

Coordenação do Novo Movimento Histórico de Canudos, Noventa Anos Depois...Canudos de Novo, Salvador, EMQ Gráfica e Editora, 1986.

CUNHA, Euclides da, Os Sertões, 35^a ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.

DURAND, Gilbert, "Introdução" in PITTA, Danielle Perin Rocha (org.), O Imaginário e a Simbologia da Passagem, Recife, Massangana, 1984.

DURHAN, Eunice, Produzindo o Passado, Civilização Brasileira, 1976.

FACÓ, Rui, Cangaceiros e Fanáticos, 4^a ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

FERRAZ, PINHEIRO, SANTOS NETO, Cartilha Histórica de Canudos, Salvador, 1991.

FREYRE, Gilberto, Casa Grande e Senzala, 25^a ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1987.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, CANUDOS: Subsídios para sua reavaliação histórica, Rio de Janeiro, 1986.

GALVÃO, Walnice Nogueira, As Formas do Falso, São Paulo, Perspectivas, 1972.

_____, No Calor da Hora: A Guerra de Canudos nos Jornais, São Paulo, Ática, 1974.

GIRARDET, Raoul, Mitos e Mitologias Políticas, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice, A Memória Coletiva, São Paulo, Vértice, 1990.

- HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence, *A Invenção das Tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- HOBBSBAWM, Eric, *Rebeldes Primitivos*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- LE GOFF, Jacques, *História e Memória*, (tradução de Bernardo Leitão), Campinas, Ed. UNICAMP, 1990.
- MACEDO, Nertan, *Memorial de Vila Nova*, Ed. O Cruzeiro 1964.
- MONIZ, Edmundo, *A Guerra Social de Canudos*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- _____, *Canudos: A Luta Pela Terra*, 3ª ed., São Paulo, Global, 1984.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira, *Os Errantes do Novo Século*, São Paulo, Duas Cidades, 1974.
- _____, "Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado" in *História Geral da Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, Difel, 1977.
- MONTENEGRO, Antonio Torres, *Casa Amarela, Memórias, Lutas, Sonhos*, Recife, Inojosa, 1988.
- _____, *História em Campo Minado (A Memória Popular Revisitada)*, tese apresentada ao Curso de Doutorado em História do IFCH - UNICAMP, Campinas, 1991.
- NOGUEIRA, Ataliba, *Antônio Conselheiro e Canudos*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1974.
- NOVAES, Regina Reyes, *De Corpo e Alma (Catolicismo, Classes Sociais e Conflitos no Campo)*, tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências Sociais da FFLCH - USP, 1987.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de, *Religião e Dominação de Classe*, Petrópolis, Vozes, 1985.
- _____, "Romaria. Padre Cícero: a fé que move o sertão" in *Revista Nossa América*, São Paulo, Memorial da América Latina, março-abril de 1992.
- PAULA, Sérgio Góes de, BENJAMIN, César Queiroz, "... e o sertão de todo se apropriou à vida..." Um estudo sobre a seca e a fome no Nordeste, Petrópolis, Vozes, 1986.
- PRADO JR., Caio, *Formação do Brasil Contemporâneo*, 7ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1963.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, *O Campesinato Brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1973.
- _____, *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, São Paulo, Alfa-ômega, 1976.
- SIGAUD, Lygia Maria, *A Nação dos Homens (Uma análise regional de ideologia)*, tese apresentada ao Curso de Mestrado em Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1971.
- VILA, Marco Antônio, *Canudos - O Campo em Chamas*, São Paulo, Brasiliense, 1992.

- WORSLEY, Peter, *The Trumpet Shall Sound*, New York City, Schocken Books, 1968.
- ZAMA, César (Wolsey), *Libelo Republicano Acompanhado de Comentário sobre a Guerra de Canudos*, Salvador, Publicação da UFBª, nº 139, 1990.